

## JOSÉ RUFINO E A MEMÓRIA

Katia Canton

Nascido em João Pessoa, na Paraíba, José Rufino faz da memória uma espécie de enciclopédia de fabulas. Desde 1990, o artista vem se revelando um exímio manipulador de símbolos, construindo uma obra capaz de expandir sua história pessoal em pequenos testemunhos universais de dor, solidão, amor e laços familiares.

José Rufino e o nome do avô paterno do artista, adotado propositadamente para penetrar na memória simbólica do patriarca de uma família paraibana de latifundiários. Nesse jogo de identidades e de tempo, Rufino constrói instalações que remetem a memória familiar, a tradição de uma sociedade agrária anacrônica, repleta de regras e formalidades.

Em seu conjunto primordial de obras, *Respiratio* e composta de gavetas de madeira retiradas de moveis antigos recheadas de gesso intumescido. Depois, foi a vez de *Vociferatio*, feita com escrivatinhas antigas dispostas caoticamente, com os pés fincados nas paredes e as gavetas abertas. Na seqüência, o artista criou *Lacrimatio*, instalação preparada com uma herança de aproximadamente 5 mil cartas, todas endereçadas ao patriarca José Rufino.

*Sudoratio* compõe-se de malas nordestinas populares, de onde se desprendem formas bojudas, grossos pingos de gesso estufado. Os títulos das instalações, que fazem referência respectivamente aos verbos "respirar", "gritar", "lacrimar" e "suar", integram o que o artista chama de "acervo de sensações", encontrado nas lembranças de infância e no mergulho da história familiar. Não a toa, são todas sensações de expurgo, que saem de um âmago, desembocam e ganham corpo nas obras artísticas como segredos explosivos, lidos e trancafiados por gerações. Retratam um processo de purificação.

Já a obra *Cartas de Areia* parte de outro vasculhamento emocional: o artista destrancou um velho baú da família e manipulou diretamente centenas de envelopes de cartas, todas redigidas entre 1920 e 1950, remetidas ao avô José Rufino, senhor de um grande engenho que ficava próximo ao município de Areia, na Paraíba, onde o artista nasceu. Os envelopes, cujos endereçamentos foram recobertos por pinturas, tornaram-se palimpsestos, com seus rastros históricos, ora omitidos, ora apenas sugeridos por carimbos, números ou pedaços de palavras que insistem em aparecer por baixo dos traços de nanquim, dos contornos do lápis, das cores de aquarelas e temperas. Os desenhos que se sobrepõem e brotam dos envelopes estão imbuídos daquele tempo: contam histórias de uma infância, de Lendas de cachorros sem cabeça, de moveis e pessoas velhas, de brincadeiras de roda e pescarias; delineiam árvores azuis, não por conta de uma natureza expressionista, mas porque ironicamente

comentam a pseudorrealeza de uma árvore genealógica e materializam uma história irremediavelmente alterada.

No texto “Desenhos ao *Léthe*”, José Rufino conta sua experiência:

Março de mil novecentos e noventa. Carregando na bagagem centenas de cartas escritas ao longo de décadas para meu avô, eu chegava a São Paulo para uma estadia de dois anos. Ao mesmo tempo em que fazia mestrado em Paleontologia, encapsulado num apartamento no alto do Sumaré, dava prosseguimento a uma jornada já iniciada no final dos anos oitenta, uma espécie de organização estratigráfica de toda a correspondência, lendo relatos íntimos de parentes vivos e mortos, e separando, cada vez com mais audácia, certos tipos de envelopes para dar continuidade as intervenções com desenhos, colagens, e aquarelas, já iniciadas na Paraíba.

Atuando como o geólogo inglês William Smith, eu correlacionava acontecimentos familiares, empilhava camadas de frustrações, níveis de desejos, intercalava lâminas de revelações e sedimentava pacotes e pacotes de segredos na intenção de construir a Coluna do Tempo de Vaca Brava. Separando as cartas de seus envelopes, eu criava dois conjuntos hierarquicamente distintos do ponto de vista da dramaticidade e densidade ali registradas. As cartas pareciam quase proibidas, quase destinadas ao campo dos segredos eternos e, portanto, pelo menos naquele momento, intocáveis. Por um certo tempo elas continuariam entregues as águas passadas. Já os envelopes, com seus conjuntos azuis, creme, verde-amarelo ou ornamentados com temas nacionais, desprendidos de suas cartas, pareciam mais vulneráveis e foram imediatamente transformados em suportes de grandes conjuntos de desenhos. Os desenhos e interferências apenas reforçaram a memória. Circundaram respeitosamente ou sublinharam datas, selos e marcas-d'água. Parecia instalar-se suavemente o poder de Mnemosyne, a deusa da memória. As obras passaram a compor séries cuidadosamente organizadas: árvores azuis, árvores pretas, rios prateados, moveis ou figuras toscas. *As cartas de areia* me permitiam uma verdadeira revisão da história familiar. A "arte da memória" [ars memoriae] não era apenas uma ferramenta para resgatar lembranças de brincadeiras infantis, recuperar personagens burlescos ou documentar fatos e feitos daquele reino de fantasias extravagantes. Instalava-se ali a possibilidade irreversível de subverter o próprio passado e de expurgar o indesejado através de uma nostalgia transformante...

Ao mesmo tempo em que trabalhava nos envelopes, iniciei a leitura das cartas. No início, um pouco acanhado por violar histórias e emoções tão particulares. Aos poucos fui penetrando naquele mundo de pequenas falhas, fraquezas, vaidades, encontros e desencontros. A primeira sensação foi de frustração e impotência diante da ciclicidade de sentimentos recorrentes naquelas cartas. Estaria fadado a ser o responsável por uma historiografia familiar? Responderia pelo resto da vida como guardador do Estatuto das Intimidades?

Meados de 1991. Resolvo adotar o nome da figura central de todo esse enredo e passo, com um misto de naturalidade e constrangimento, a responder por José Rufino. Essa ação, a principio apenas incompreensível para meus parentes e momentaneamente encarada como uma homenagem, logo passa a

revelar os primeiros sinais da minha intenção: provocar uma subversão nas Camadas do Tempo de Vaca Brava.

As cartas cuidadosamente selecionadas passam então a ser utilizadas como suportes de desenhos e gravuras. Camadas sobrepostas de pigmentos são utilizadas como instrumento da experiência renovadora do esquecimento. Contam, sobre cada história, uma nova. A preocupação com a recuperação de recordações, ainda muito presente nas Cartas de Areia feitas sobre envelopes, cede lugar ao desejo mais radical de interferir, de recontar, reinventar de apagar partes ou apagar quase tudo [pp. 144-5].

Desde 2000, a obra de José Rufino saiu do âmbito da memória particular de uma família para abarcar comentários sobre histórias locais e sobre os próprios mecanismos da memória.

Por exemplo, para realizar sua obra exposta na Bienal do Mercosul de 2000, em Porto Alegre, o artista percorreu repartições públicas, vasculhou antigos livros de contabilidade, mergulhou em documentos velhos, e com esse material criou uma instalação que liga os diários burocráticos a fios, formando uma topografia imaginária sobre percursos da memória.

Na instalação *Memento mori*, José Rufino resgata um livro escrito e ilustrado por Justinus Kerner, espírita alemão do século XIX, contendo poemas e comentários sobre a morte, o espírito e a busca da corporificação de presenças pós-morte. O artista adota como estratégia o princípio das monotipias, desenvolvido nos testes de Rorschach, método que se baseia em um conjunto de dez estampas coloridas e simétricas feitas a partir de dobraduras em papéis entintados e que é aplicado como ferramenta para analisar os tipos de personalidade. Usando os testes de Rorschach, Rufino desenha sobre folhas de um caderno de obituário encontrado no Ceará, interferindo nesses registros e criando sobre seus textos desenhos de corpos fictícios, sudários recriados para incorporar uma memória que se confunde e se instala no limiar entre a fala e o resgate histórico.

Em 2003, José Rufino assumiu a direção de arte do filme *Transubstancial*, dirigido por Torquato Joel. De uma beleza translúcida, e uma homenagem ao poeta simbolista paraibano Augusto dos Anjos [1884-1914]. No filme, Rufino compõe uma poética de imagens mediante a criação de vastos territórios de uma memória que constantemente transita entre a invenção e a reconstrução.

CANTON, Katia. *José Rufino e a Memória*. In: Katia Canton: Tempo e Memória. Temas da Arte Contemporânea. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, p.37-45, 2009.